

## JESUS CRISTO, MODELO DE COMUNICADOR

(Jesus Christ, model of communicator)

### Prof. Dr. Tarcisio Justino Loro

Dr. em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção,  
Dr. em Ciências (Geografia Humana)  
pela Universidade de São Paulo  
e Mestre em Comunicação  
e Semiótica pela PUCSP.

#### Resumo

As reflexões que apresento neste texto são apenas indicações da “maneira” como Jesus pregava. Faz de sua pregação um caminho de esperança. Na prática de Jesus, encontramos algumas exigências fundamentais da pregação, dentre elas: pregar a Boa Nova, despertar a fé, utilizar a linguagem do seu tempo, estar no meio do povo para melhor compreender sua vida, respeitar a liberdade das pessoas, corrigir todo tipo de fechamento religioso, ir ao encontro das pessoas, anunciar a Palavra, em primeiro lugar aos pobres e excluídos. Pregar é anunciar Jesus Cristo como pastor, sacerdote e profeta; é anunciar o querigma, falar do Reino e aplicar a Boa Nova à vida das pessoas.

Palavras-chave: Jesus. Boa Nova. Reino.

#### Abstract

The reflections presented in this text are just indications of the "way" Jesus preached. He turns his preaches a path to hope. In Jesus' practice we find some fundamental requirements for preaching, among them: to preach the Good News, the awakening of faith, using the language of his time, being in the middle of people to better understand their lives, respecting people's freedom, correcting any kind of religious closure, meeting people, preach the Word firstly to the poor and excluded ones. Preaching is announcing Jesus Christ as pastor, priest and prophet; is announcing the kerygma, talking about the Kingdom and applying Good News in people's lives.

Keywords: Jesus. Good News. Kingdom.

### Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar Jesus Cristo como modelo de comunicador. Nem sempre nossos pastores, sacerdotes, estudantes de teologia e diáconos percebem que pregar não é falar de si mesmo, mas anunciar o Cristo. Nem falar das viagens internacionais ou de grandes acontecimentos pessoais. Pregar é anunciar o querigma, falar do Reino e aplicar a Boa Nova à vida das pessoas. As reflexões que apresento são apenas indicações da “maneira” como Jesus pregava e onde encontrava a matéria prima de sua pregação. As pretensões deste artigo são humildes e despertadores de diálogo com todos os que se interessam pelo assunto. Partimos da seguinte questão: de que maneira Jesus anunciava o Reino de Deus? Quais são os princípios comunicacionais que julgava importante?

#### 1. Para Jesus é de fundamental importância estar próximo da vida das pessoas

Pela Encarnação, Cristo se revestiu da semelhança daqueles que, depois, iriam receber sua mensagem. Anunciava do meio do povo, conhecia sua história, seus desafios e esperanças. Jesus não só conhecia o seu povo, mas especialmente vivia como alguém do povo. Era sua maneira mais simples de estar com os pecadores, de escutar os pedidos dos leprosos, do cego de Jericó, da mulher que sofria do fluxo de sangue. Discutia com

os fariseus e doutores da Lei para levá-los à reflexão sobre a importância da misericórdia e não do legalismo que gerava exclusão e sofrimento no povo.

Encontramos Jesus em momentos de alegria, como nas Bodas de Caná, na entrada triunfal em Jerusalém e na celebração da Páscoa. Jesus é um homem inserido no meio do povo e isto lhe garante a palavra sábia que gera força e esperança. Fala em sintonia com as mazelas da população sofrida. A formação de Jesus como pregador acontece na escola da observação, da escuta e participação da vida dos marginalizados, e isto lhe permite trazer à Palavra uma reflexão concreta, cheia de boas notícias. O Cristo pregador saiu da mão do povo e de suas carências.

Aqui se encontra um dos mais importantes aspectos de todo pregador: viver com o povo. É a “proximidade vital” do pregador com seu auditório que lhe dá a possibilidade de trazer uma palavra pragmática. A ausência dessa relação pode produzir homilias vazias, abstratas, cuja finalidade é apenas preencher um “espaço litúrgico”. Daí a necessidade da formação do pregador, fundada no contato direto com as comunidades. Isto poderia lhe evitar uma das críticas mais severas: a de que sua homilia é vazia e não desperta interesse.

Neste sentido, é preciso arregar aos nossos irmãos evangélicos algo de positivo, que nasce de sua excessiva preocupação em “resolver” os problemas de saúde, trabalho, relacionamento conjugal e familiar, dentre outras situações concretas. O povo busca uma Palavra útil, que ilumine sua vida, uma Palavra-sinal de novos caminhos, e isto só é possível mediante a atenção cuidada e penetrante do orador, sua preocupação em conhecer e viver a realidade das pessoas.

## **2. Valorizar o que for positivo das pessoas e não humilhá-las**

Esta técnica tem um caráter propedêutico, cuja finalidade é “preparar o ouvinte”, motivá-lo e valorizá-lo para suscitar e aprofundar a fé. Vejamos um exemplo: “Atenienses, sob todos os aspectos, vejo que sois muito religiosos. Ao percorrer vossa cidade e contemplar vossos monumentos, encontrei-me até diante de um altar com esta inscrição: ‘Ao Deus desconhecido’. Ora, o que venerais sem conhecer é o que vos venho anunciando” (At 17,22-23).

Este texto aponta para uma das características imprescindíveis da homilia: a valorização do positivo. Isto mostra a sintonia que deve existir entre a pregação e as aspirações profundas das pessoas e do povo. A valorização do positivo abre as portas para outros elementos evangelizadores que ainda não foram acolhidos. A homilia deve afinar-se com os ouvintes, levar em conta tudo o que neles se acha relacionado com o plano de Deus e sua vontade. Depois, deve estimular e reforçar estes valores, iluminar o que existe no fundo de uma pessoa e de uma consciência coletiva.

## **3. Jesus respeita a liberdade do ouvinte**

A Boa Nova que Jesus anuncia só pode ser acolhida no espaço da liberdade, não pode ser imposta. A mensagem de Jesus atinge o cerne da vida humana, propõe a conversão, mexe com o próprio agir do ser humano, enfim, atinge a identidade do ser. Seria uma

agressão impor às pessoas uma “reviravolta” em sua vida sem o seu pleno consentimento. Por isso, Jesus é o pregador que faz um “convite”, nunca uma “imposição” ou “intimação”. A Boa Nova deve atrair pela força de sua originalidade, pela esperança e justiça que constituem seus elementos essenciais, enfim, deve convencer pelo conteúdo. Aqui se encontra uma das pistas mais queridas por Jesus. Ele poderia impor, mas nos ensina que sua mensagem só pode produzir fruto naqueles corações que livremente se engajaram em sua obra. O amor só existe com o ingrediente da opção pessoal.

Com certa frequência, encontram-se pregadores que impõem uma “ideologia”, até parecida ou fundada em alguns *slogans* bíblicos. Outros, com preocupação moralizante, impõem à pessoa princípios de conduta que, se não aceitos, trariam desgraça e sofrimento. A pregação de Jesus não traz o “medo”, a “severidade de uma lei” e o castigo. Ela traz a brandura e a mansidão, condições essenciais para a livre aceitação da mensagem cristã. Toda pregação “impositiva” não está na linha do discipulado do Mestre. Mesmo tendo uma “Boa Nova”, Jesus não a impôs. A homilia não deve eliminar o espaço da opção pessoal. Deve convencer a partir do próprio testemunho e de argumentos que passam, sobretudo, pelo coração. Estes possibilitam um “encontro pessoal” com Jesus, suscitado pelo Espírito que vai gerando no íntimo dos ouvintes o “desejo e o gozo” da experiência cristã ou do discipulado de Jesus. Por isso, sem o respeito ao espaço da liberdade pessoal, torna-se difícil que as Palavras de Cristo produzam frutos de adesão.

#### **4. Jesus liberta as pessoas do formalismo religioso excessivo**

Jesus liberta a religião de seu povo do formalismo ritual, ensina que é piedoso não aquele que só cumpre as tradições e preceitos de orações e sacrifícios, mas, sobretudo, aquele que ama e perdoa. “O que eu quero é misericórdia e não sacrifício” (Mt 9,13). Desta forma, Jesus “interioriza” a salvação, mostra que esta passa, em primeiro lugar, pelas atitudes livremente assumidas e não pelo simples cumprimento do ritual.

Os ritos exteriores devem encontrar sentido em algo mais profundo que a simples execução de normas, eles devem encontrar espírito e força no coração, nas atitudes de amor e perdão. A observância pura e simples de normas leva ao risco de servirem apenas ao domínio das consciências, retirando das pessoas toda forma de “piedade” diante do sofrimento e ajuda às pessoas. Jesus vem dar um novo sentido aos ritos. O rito pelo rito pode servir apenas como anestésico das consciências.

Neste sentido, Jesus se preocupa em purificar a religião de elementos opressores e escravizantes. No lugar de dominar as consciências por preceitos e regras exteriores, Jesus vem dar à vida de fé a um novo sentido, vem ampliar o conceito de religião mediante o horizonte da misericórdia. Muitas vezes, encontramos no Evangelho Jesus alheio a normas elementares do judaísmo. Ele cura no sábado; seus discípulos comem sem lavar as mãos; Jesus vai à casa de um pecador público; propõe um novo rito na Santa Ceia. O objetivo de tudo isto é dar à religião um aspecto mais humano, verdadeiro, criativo e, sobretudo, permitir a ação do Espírito de Deus nas brechas da vida.

A pregação de Jesus caminhou por estas preocupações, como mostram suas discussões com os fariseus e doutores da Lei, sobre as questões referentes à Lei e ao Espírito. Para Jesus, o que conta não é o cumprimento frio e calculista da Lei, mas dar à própria Lei uma dimensão nova, uma espécie de “espiritualização” da própria Lei, à medida que o critério da Lei deixa de ser o da simples execução e assume a possibilidade de favorecer a vida.

Nossas pregações costumam ser formalistas, especialmente quando expomos a necessidade de novenas para se conseguir favores de Deus, ou ainda a participação na missa como chave de salvação. Jesus não cobra de seus seguidores a observância de normas exteriores, mas cobra a prática da misericórdia, o que aparece de forma clara na parábola do bom samaritano (Lucas 10). O sacerdote e o levita eram peritos nos rituais do templo. Um oferecia o sacrifício e o outro cuidava de sua organização e estruturação. Apenas o samaritano, que deixa de lado os preconceitos e, provavelmente, desconhece as Leis do templo, atinge o centro do mandamento do Senhor de “amar o próximo como a si mesmo”.

Este trecho pode nos ajudar a perceber que Jesus está preocupado com a prática do amor. A Lei não salva ninguém. O ritual em Jesus é a “dinâmica da própria vida” pautada no amor profundo a Deus e ao próximo.

### **5. Jesus Denuncia os atentados contra a vida**

O grande respeito de Jesus ao homem o leva a denunciar tudo o que atente contra sua dignidade e direitos: o ódio, a calúnia, a injustiça, a discriminação de pessoas, por razões de etnias, gêneros e religiões. A denúncia de Jesus trata das atitudes, das ideologias, das coisas em si mesmas, salvaguardando sempre a pessoa humana. Em outros termos, denuncia o pecado, mas perdoa o pecador, dando-lhe sempre oportunidade de recomeçar. Ele procura despir todos os mecanismos de poder pelo poder, políticos ou religiosos, tudo o que pretende instrumentalizar os homens.

A denúncia acontece no dia-a-dia, não tem um “palanque” para isso, porque o que Jesus é, o é sempre e em todo lugar. Sua pessoa é a “denúncia” viva. A força de sua prática e de seu amor incomoda aqueles que se encontram comprometidos em manter subjugada a consciência do povo. Sua atitude é coerente, dentro do Templo e em qualquer lugar. A denúncia Ele a faz não só pelas palavras, mas quando estende a mão, vai ao encontro dos pecadores, escreve na areia, mostra sua autenticidade, volta-se para o ser humano, defende seu direito de ser sujeito de sua vida e de sua história.

Com frequência, as denúncias em nossas pregações não refletem uma “opção radical de vida”. O testemunho do pregador nem sempre é a própria denúncia e por isso muitas vezes se enclausura num “discurso ideológico”, perdendo a força de mudança e da própria denúncia. Tantas vezes, como pregadores, pecamos pelo discurso vazio de testemunho de vida. Anunciamos a Boa Nova e nós mesmos deixamos de ser “Boa Nova”.

## **6. Jesus utiliza a linguagem dialogal**

Especialmente, o quarto Evangelho nos apresenta Jesus falando das coisas do Reino, usando a forma dialógica. Como exemplos significativos, podemos mencionar sua atuação nas Bodas de Caná (Jo 2,1); suas respostas aos questionamentos de Nicodemos (Jo 3,1ss.) e às objeções da Samaritana (Jo 4,1ss.); a cura do paralítico na piscina (Jo 5,1ss.); a cura do cego de nascença (Jo 9,1ss.). Jesus fala com os pecadores, os fariseus, os soldados, os demônios, aleijados, ricos e pobres. Ao longo do diálogo, Jesus vai apontando as novas realidades do Reino, sua presença no mundo, a importância da fé e a necessidade de mudar de vida.

Pelo diálogo, Jesus leva seus interlocutores a uma visão mais crítica da própria realidade, transforma-os, de pessoas passivas a receptores ativos. Jesus, no diálogo, aparece como aquele que sabe escutar os problemas dos seus interlocutores, conduzindo-os a uma visão mais ampla das dificuldades particulares pelas quais estão passando. O diálogo se apresenta como forma de envolver as pessoas na construção do Reino. Em cada resposta, Jesus devolve de forma nova e mais crítica, a questão que lhe é colocada, provoca a reflexão, atinge as consciências e possibilita uma tomada de posição diante de algo novo que está acontecendo.

E, finalmente, o diálogo de Jesus deveria recolocar a “homilia” como uma conversa entre irmãos, deveria suscitar uma evangelização entre pares, diferente da homilia que aparece muito mais como o espaço do poder sacramental do que do poder da própria Palavra. Nas celebrações em pequenos grupos, a Palavra partilhada favorece diversas entradas no texto bíblico, produzindo um mosaico de diferentes interpretações.

## **7. Jesus é modelo de audácia na exposição da verdade**

Jesus não faz o jogo dos interlocutores para anunciar sua mensagem. Ele é um modelo de audácia e valentia pessoal no anúncio profético do Reino. Jesus traz consigo a força de renovação que não se deixa vencer por qualquer obstáculo. Ele não se deixa intimidar nem pela possibilidade de prisão e condenação à morte (Jo 7,14 ss. e Jo 18,19-21). Daí sua total liberdade na denúncia dos males e no anúncio da Boa Nova. Não teme agir publicamente (Jo 11,6-10) e expulsar os mercadores do templo (Jo 2,13-22). Atreve-se a questionar os que se sentem seguros da verdade (Jo 8,15ss.). Diante da morte, mantém a liberdade de quem se sabe Senhor da vida (At 3,15): “Dou a minha vida para recobrá-la de novo. Ninguém me tira: eu a dou voluntariamente. Tenho poder para dá-la e para retomá-la” (Jo 10,17-18).

O caminho da pregação, pautado na liberdade, deve ser o mesmo de seus seguidores, incluindo toda espécie de perseguição: “Se perseguiram a mim, vão perseguir vocês também; se guardaram a minha palavra, vão guardar também a palavra de vocês. Farão isso a vocês por causa de meu nome, pois não reconhecem aquele que me enviou” (Jo 15,20-21). A missão profética exige liberdade e confiança, condições indispensáveis para aqueles que desejam seguir o Mestre.

A pregação não pode trilhar os caminhos dos interesses egoístas e escusos, não pode ter como critério a “bajulação” dos detentores do poder. A pregação deve seguir a trilha do Senhor, sem “conchavos” e “agrados” humanos. A fidelidade ao Senhor e a seu Projeto devem trazer força, audácia e valentia ao pregador.

### **8. Jesus parte do particular ao universal**

Jesus, nas atitudes e palavras dirigidas aos homens individualmente, busca a universalidade de seus destinatários. Ele se mostra capaz de unir a universalidade à interpretação personalíssima. A saber, apesar de sua vida transcender na Palestina, Ele ultrapassa os condicionamentos particulares de sua cultura e, dirigindo-se ao próprio povo, fala também aos povos de todos os tempos. Quando se dirige a Nicodemos (Jo 3, 1-21), mostrando-lhe a necessidade de “nascer de novo”, fala a todo ser humano, aconselhando-o a um nascimento permanente no Espírito.

### **9. Jesus privilegia os pobres como destinatários da Boa Nova**

Apesar de sua mensagem ter um caráter universal, Jesus tem como destinatários preferenciais os pobres, os marginalizados. São eles que decodificam historicamente a mensagem de Jesus, porque a eles, através do Filho, o Pai dirige a Boa Nova das Bem-Aventuranças. Aqui se encontra a chave mais profunda do Evangelho: o Pai, por meio de Jesus, vai ao encontro dos excluídos, dos pobres, dos pacíficos, dos que choram dos mansos, dos que têm fome e sede de justiça, dos misericordiosos, dos perseguidos e caluniados por causa de seu nome, enfim, dos menores de seus filhos (Mt 5,3-11).

E não é só isso. Jesus se identifica com a sorte dos pobres, nascendo como um deles, no meio da pobreza. É importante salientar que esta forma de nascimento dá maior “autoridade” à Palavra de Jesus. A Palavra de um pobre dirigida a outro pobre. Assim, a Palavra de Jesus vem carregada de sua experiência terrena e não apenas de sua sabedoria divina.

A pregação não pode trair os princípios da predileção pelos pobres e da necessidade de partir de dentro da experiência sofrida do homem. A pregação deve levar para dentro do cotidiano sofrido a semente de esperança. Mas, para que isto aconteça, o pregador deve estar em sintonia com o interlocutor privilegiado do Evangelho. Uma vida pautada no despojamento e em contato direto com o sofrimento traz segurança e clareza na apresentação da Boa Nova.

### **10. Jesus busca uma variedade de sinais para ser compreendido**

Jesus não usa só a palavra para anunciar a Palavra. Ele transmite sua mensagem tanto pelas palavras, quanto pela totalidade de sua vida inteira. Jesus é o Evangelho vivo, é inteiramente Palavra de Deus. As suas palavras, seus gestos, as lágrimas, suas caminhadas ou pescaria, tudo é sinal vivo de Deus. Chama a atenção de todos para todos os sinais que faz. A partilha do pão, escrever no chão, misturar saliva com terra, o deixar-se banhar de lágrimas pela pecadora, comer com os pescadores, transformar a água em vinho, tudo isso são algumas das tantas formas que descrevem o evangelho vivo de Jesus Cristo, tudo isto é inseparável da sua pessoa e de sua mensagem.

Jesus recorre ao pão e ao vinho, à comida e à bebida, sinais humanos do compartilhar a vida, para convertê-los em sinais de entrega total de si mesmo. Jesus não cansa seus interlocutores com discursos sem medida, Ele busca a variedade de sinais, tornando assim sua comunicação mais criativa e natural. Criativa, porque consegue concretizar a mensagem a ser transmitida a uma pessoa ou a um grupo num gesto ou qualquer outro sinal que lhe pareça oportuno, num determinado momento. Os grandes gestos ou sinais são os milagres: “Quem tocou em minha túnica?” (Mc 5,30.) Um sinal simples de Jesus mostra a importância de tocá-lo ou acolhê-lo com a fé da mulher que sofria de fluxo de sangue.

Com raras exceções, nossas pregações utilizam apenas as palavras como recurso de comunicação. É importante tomarmos consciência de que o acolhimento, o abraço ou um beijo, um sorriso ou aperto de mão, um gesto gentil ou quaisquer outras formas simbólicas podem manifestar a Boa Nova ou, na pior das hipóteses, preparar o terreno do coração para a semente da Palavra.

### **11. Jesus tem em vista a comunhão entre as pessoas**

Jesus se preocupa com a meta principal da comunicação que é produzir a comunhão entre as pessoas e com Deus. O caminho de Emaús nos mostra a pregação de Jesus transformando o coração dos discípulos, ajudando-os a compreender a história de sua vida, para que tivessem motivos para retornar à comunidade dos discípulos que permaneceram em Jerusalém. Sua Palavra não acentua a distância entre Emaús e Jerusalém. O que procura é renovar a motivação dos caminhantes para assumirem a missão, juntamente com os demais discípulos. Sua comunicação é “espírito e vida” (Jo 6,63) e alcança sua culminância na Eucaristia, onde Jesus se doa totalmente, como Palavra e como pão vivo descido do céu.

### **12. Jesus convida à mudança de vida, à conversão.**

Jesus convidou os irmãos Simão e André, Tiago e João para se tornarem pescadores de homens (Mt 4,18-22). Eles o seguiram e transformaram suas vidas. Jesus deu a Simão o nome de Pedro (Jo 1,40-42) e encarregou-o de cuidar da sua Igreja: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21, 15-19). Jesus também livrou da morte por apedrejamento a mulher adúltera: “Vai e não tornes a pecar.” (Jo 8,1-11) Inúmeros outros exemplos de mudança de vida podem ser apontados no Evangelho.

A mudança de vida aparece de maneira especial no dia de Pentecostes. De homens medrosos, os discípulos passaram a ser apóstolos e missionários destemidos (At 2). A homilia deve apresentar argumentos e motivações para que o ouvinte acredite na força da Palavra em seu coração como provocadora de mudanças pela ação do Espírito.

### **13. Jesus utiliza uma linguagem popular**

Jesus, ao se dirigir às pessoas, utiliza o vocabulário corrente e cria parábolas a partir das experiências do dia-a-dia: a cultura da vinha, a pescaria, a agricultura, o trabalho da dona de casa, a construção, dentre outras. Fala, também, das alegrias e preocupações de um pai de família. A mãe aparece ligada às dores do parto, à perda de uma filha, à alegria por encontrar um objeto perdido.

Jesus não deixa de se dirigir às crianças com muito afeto e carinho, apresentando-as como modelos para os adultos que devem se tornar crianças e, assim, entrar no Reino dos Céus. Usa os sinais da água, do pão, do fogo, do vento, do pastor, da ovelha, da pérola, do campo... Desta forma, Jesus obtém o contato com seus interlocutores, pois sua maneira de falar não é estranha aos ouvintes.

#### **14. Jesus recorre a personagens e histórias das Sagradas Escrituras**

Além das histórias e fatos que fazem parte do cotidiano, Jesus recupera personagens que estão no Antigo Testamento, como Abraão, Jonas, Elias e Moisés. Atualiza narrações bíblicas e aquelas que se aplicam a sua pessoa, como é o caso de sua pregação em Nazaré: “Hoje se cumpre esta escritura que acabais de ouvir” (Lc 4,21).

#### **15. Jesus fala às massas e aos pequenos grupos**

De um lado, Jesus tem a preocupação de formar as lideranças em pequenos grupos, a fim de habilitar pessoas que possam continuar sua missão (Mt 13,10-23). Este é o caso do grupo dos doze e de um número de discípulos, que foram enviados dois a dois.

Por outro lado, Jesus se dirige às multidões, levando sempre uma palavra de esperança, mudança de vida, conforto e confiança no Pai. Sua Palavra atraía as massas, não só pelo conteúdo da sua pregação, mas porque Jesus tinha por elas compaixão, o que confirma que suas Palavras não eram vazias, mas carregadas do testemunho de sua vida (Mt 14,14).

#### **16. Jesus alimenta-se da força do Espírito e da presença do Pai**

No anúncio do Reino de Deus, Jesus se mantém unido ao Pai e se fortalece com a assistência do Espírito Santo: “O Espírito do Senhor está sobre mim” (Lc 4,18).

#### **17. Jesus faz de sua pregação uma oração**

Jesus orienta seus ouvintes sobre a melhor forma de orar (Mt 6,5). Sua oração está impregnada da experiência diária, dos desafios de cada dia e da busca incessante do rosto do Pai. Jesus dedica longas horas de seu ministério para, por meio da oração, encontrar as forças para cumprir a vontade do Pai que o enviou. Antes de ser preso, aparece no Horto das Oliveiras, orando numa profunda intimidade com o Pai em busca do sentido de sua morte na cruz e de forças para suportá-la. “Subiu ao monte a fim de orar.” (Mt 14,23) “Assentai-vos, eu vou ali orar.” (Mt 26,36) “Vigiai e orai.” (Mt 26,41) “Foi orar pela terceira vez” (Mt 26,44).

#### **Conclusão**

O presente artigo revela alguns aspectos da vida de Jesus como comunicador do Reino, sua maneira corajosa de anunciar a esperança, como dom e força motivadora na construção do Reino de Deus. Acredito que os aspectos apresentados podem nos ajudar a refletir sobre a prática pastoral das homilias. Acredito que uma comunidade que se alimenta da pregação ultrapassa os próprios limites, sente necessidade de fazer algo a mais, de ser missionária e de trabalhar nas obras de caridade. Nossos pastores nem sempre estão despertados para isso.



Com muita frequência o tempo da homilia é um tempo de cansaço, de atenção constante para o final da exposição, tempo em que emerge a subjetividade do pregador. O grande pregador Pe. Vieira, no sermão da *sexagésima*, ao responder à questão, “porque a Palavra de Deus produz tão pouco fruto, com tantas pregações”? Ele responde, porque os pregadores pregam palavras de Deus, e não a Palavra de Deus. Eu acrescentaria, pregam a si mesmos e não o sentido da PALAVRA QUE DEUS QUER.

### **Bibliografia**

- BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com a massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.  
DECOS CELAM. *Para uma Teologia da Comunicação na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984.  
DOCUMENTO PONTIFÍCIO. *Instrução Pastoral: Communio et Progressio*. Petrópolis: Vozes, 1971.  
TEIXEIRA, Nereu. *A Comunicação Libertadora*. São Paulo: Paulinas, 1983.  
VIEIRA, A. *Sermão da sexagésima*. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

### **Profº. Dr. Tarcísio Justino Loro**

Dr. em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Dr. em Ciências (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.